

**MEMÓRIAS TEATRAIS NAS CIDADES DE AMAPÁ/AP E BELÉM/PA: A  
PRESENÇA NORTE-AMERICANA DURANTE A 2ª GUERRA MUNDIAL  
(1939-1945).**

FREDERICO DE CARVALHO FERREIRA

Universidade Federal do Amapá

Frederico.carvalho@unifap.br

**Introdução**

Este texto se objetiva em apresentar as considerações iniciais do meu projeto de doutoramento, inicialmente intitulado: *Memórias teatrais nas cidades de Amapá/AP e Belém/PA: a presença norte-americana durante a 2ª guerra mundial (1939-1945)*, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (PPGArtes-UFPA). Ressalta-se que este projeto de pesquisa está vinculado ao Grupo de Pesquisa PERAU – Memória, História e Artes Cênicas na Amazônia/CNPq/UFPA, sob a liderança do Prof. Dr. José Dênis de Oliveira Bezerra, e se pauta na investigação da produção científica sobre as práticas teatrais na Amazônia.

As relações políticas e culturais entre o estado do Amapá e o estado do Pará se entrecruzam desde as primeiras expedições europeias que por essas terras chegaram e se instalaram deixando seus rastros de colonização e influências que permanecem até o presente momento. Ao longo dos séculos diversas dimensões de transformações sociais coadunaram para construção e caracterização do perfil sociocultural desta região amazônica. Nesse contexto, buscaremos reunir algumas questões acerca da história e das atividades culturais a partir de um recorte específico entre os anos 1939 a 1945. Este período marcado pela Segunda Guerra Mundial (SGM), possui forte influência sobre as regiões supracitadas por englobar diversos aspectos de elevada importância para a construção do estado do Amapá e suas relações com o estado do Pará.

Para tal, farei um breve mergulho histórico acerca da necessidade de criação do Território Federal do Amapá (TFA) e as articulações políticas nacionais e internacionais que envolveram a escolha do governo territorial; a instalação da Base Aérea Norte-Americana nas cidades de Amapá e Belém e seus desdobramentos sociais e culturais; a

representatividade do moderno no teatro nacional e os processos metodológicos que devem amparar a pesquisa em andamento.

### **Amapá, de território a estado da federação brasileira**

O Amapá, estado federativo situado no extremo norte do Brasil, faz fronteira ao norte com a Guiana Francesa e o Suriname, e ao sul com o estado do Pará, do qual foi membro até 13 de setembro de 1943 quando fora desmembrado e elevado a condição de TFA, perdurando até o ano de 1988, quando, com a promulgação da constituição cidadã, o então território é elevado à estado federativo, condição essa que perdura até hoje.

Ao ser criado o Território Federal do Amapá em 1943, não obstante a tentativa de colonizar e promover a autonomia da região fosse remota, tudo estava para ser feito e acontecer no campo da modernidade para que o homem amapaense começasse a desfrutar de benefícios mínimos inerentes a época. Inexistia saneamento e produção agrícola diversificada que atendesse a demanda interna. O ensino tentava apenas alfabetizar, enquanto a assistência médica era precaríssima. Num espaço de 143.716 Km<sup>2</sup> inóspito, insalubre e isolado geograficamente do resto do país, vivia aproximadamente 21.491 habitantes concentrados nas sedes dos municípios de Macapá, Amapá, Mazagão e lugares próximos, às margens dos rios, lagoas e igarapés, a quase totalidade em situação de penúria, doentes, analfabetos e explorados pelo coronelismo interno (SANTOS, 1998, p. 15).

O período de 1939 a 1945, marcado pela SGM, engendra inúmeras transformações, entre elas: política, geográfica, social e cultural. O estado de guerra instaurado neste período, aliado a nova conjuntura política internacional, visando a estruturação da nação para o enfrentamento de possíveis infortúnios, implementou a militarização de áreas fronteiriças e repartição de estados para a criação de territórios federais. Foi neste espaço-tempo que a região do Amapá é desmembrada do estado do Pará, e transforma-se em TFA, quando a região recebeu seu primeiro governador, à época escolhido pelo então presidente Getúlio Dornelles Vargas, o paraense Janary Gentil Nunes, oficial militar formado pela Escola Militar do Realengo no Rio de Janeiro-RJ.

Na preferência do ditador pela sua pessoa (Janary Gentil Nunes), contaram méritos militares, o fato de ainda não haver exercido função civil e o amplo conhecimento da região que iria governar. Havia em 1940, inclusive comandado a guarnição denominada Pelotão Independente de Fronteiras, sediada em Oiapoque, nos limites do Brasil com a Guiana Francesa. No momento da nomeação, em 27 de dezembro de 1943, comandava a 1ª Companhia Independente de Metralhadoras Antiaéreas, que organizou, sediada em Belém, no Estado do Pará e servia como oficial de ligação entre as tropas brasileiras e norte-americanas sediadas nessa capital (SANTOS, 1998, p.28-29).

De acordo com Santos (1998), “seu estilo de governar e fazer política originou o janarismo, período político-administrativo marcado, sobretudo pela dicotomia entre discurso e prática, refletido pela ausência de grandes modificações no quadro sócio-econômico”, até o ano de 1964, quando o Brasil entrou em um regime militar que, por configurar um governo autoritário, descentralizou muitas decisões unilaterais do governador e de seus sucessores.

Para além do recorte temporal (1939-1945), percebe-se que a região passou por diversos conflitos sociais visto que fora alvo de intensas invasões estrangeiras, entre elas, a mais famosa, a invasão francesa no terreno entre os rios Araguari e Oiapoque, chamado de contestado. Foi polo agrícola e industrial de multinacionais como a mineradora ICOMI, a fábrica de papel Jari celulose, entre outras, e diversos outros momentos que marcaram a vida urbana, social e cultural da região.

### **A escolha da capital do Território Federal do Amapá**

A escolha da capital do TFA tratou-se de mais um capítulo interessante na história da região que à época contava com três cidades de pequeno porte: Macapá, Amapá e Mazagão. A cidade de Macapá, segundo Reis (1949), “tem sua origem em 1738 quando o governo colonial português estabeleceu na região um destacamento militar. Em 4 de fevereiro de 1758 foi elevada a categoria de vila; e de cidade em 6 de setembro de 1856”, apesar de possuir um percurso histórico mais consistente e ainda contar com a Fortaleza de São José de Macapá<sup>1</sup>, a maior fortificação portuguesa da América Latina, acabou perdendo a disputa inicial do título de capital do TFA. De acordo com Santos (1998), Macapá tratava-se de:

Um vilarejo decadente sem serviços e atendimentos imprescindíveis ao bem-estar coletivo e ao progresso, onde instalava o governo amapaense, sob a indiferença de parte da população. A desconfiança no poder público decorria do descaso que o governo paraense relegou a região quando lhe pertencia que chegou a também considerá-la zona de castigo, para cá transferindo, compulsoriamente, servidores públicos que caíam no desagrado do governo estadual, como aconteceu com o promotor público Armando Corrêa, que aqui

---

<sup>1</sup> Inaugurada em 19 de março de 1782, com o propósito de defender a margem esquerda do Rio Amazonas, na então colônia, das possíveis investidas francesas de conquistar a região amazônica. Construída com mão de obra escrava em uma área de quase 30 mil metros quadrados, a edificação foi tombada em 22 de março de 1950 pelo Instituto de Patrimônio Histórico Nacional (Iphan).

se estabeleceu em 1935 e dois anos após retornava a Belém, acometido de impaludismo (SANTOS, 1998, p. 29-30).

Os problemas que cercavam a cidade de Macapá também se espalhavam pelas outras cidades do TFA, porém outras questões, mais especificamente, políticas e geográficas embasaram a escolha da cidade do Amapá para se tornar a sede do governo. O município do Amapá, criado pela lei n.º 798 de 22 de outubro de 1901, situado ao nordeste do então TFA, banhada pelo oceano Atlântico tem sua história ligada a batalhas militares. A região foi alvo de investidas francesas que por certo tempo reivindicou sua posse e controle, sendo destinada ao Brasil em 1900. Destaca-se nesta conquista a importância de Francisco Xavier da Veiga Cabral (Cabralzinho), um personagem controverso, que figurou como herói nesta conquista.

Por meio do decreto-lei nº 5.839 de 21 de setembro de 1943 (oito dias após a criação do Território), a cidade do Amapá tornou-se a capital do TFA. O motivo de tal escolha foi devida aos desdobramentos de acordos de cooperação internacional entre o Brasil e os Estados Unidos da América. O presidente Getúlio D. Vargas havia cedido espaço, há cerca de 15 km da cidade do Amapá e 300 Km de Macapá, aos norte-americanos para a construção de uma Base Aeronaval, em 29 de outubro de 1941. Essa articulação política deu-se pelo enfraquecimento dos países aliados durante a SGM, devido à rendição francesa ao eixo, este constituído pela Alemanha, Itália e Japão. Ressalta-se que as relações entre os governos brasileiro e alemão, que até então contava com certo grau de aproximação política e econômica, foram esmorecidas após o torpedeamento de um navio brasileiro por um submarino alemão, culminando em seu naufrágio.

A imposição presidencial sobre a instalação da sede do governo territorial não coadunaria com os desejos de Janary Gentil Nunes, futuro governador do TFA (empossado no dia 27 de dezembro de 1943, portanto três meses após o decreto-lei que conferia à cidade do Amapá o título de capital do TFA), que logo ao assumir o cargo arrolou uma série de dificuldades para a concretização do decreto como destaca Santos (1998):

A cidade do Amapá, apesar da localização geográfica, quase equidistante dos extremos do Território, apresentava dificuldades de acesso e comunicação com as demais áreas, para funcionar como polo irradiador de ações e decisões governamentais objetivando a promoção do desenvolvimento regional, na

época. Somente poderia ser alcançada pelas vias aérea e marítima, ressaltando-se que, através de aeronaves mediante permissão estrangeira, e por embarcações, periodicamente decorrente de questões hidrográficas. O aeroporto era o da base militar aérea norte-americana e para se ter acesso aquele núcleo urbano por água, necessário se fazia, primeiro navegar pelo Oceano Atlântico, em seguida pelo estreito, pouco profundo e acidentado rio Amapazinho (SANTOS, 1998, p. 30-31).

As críticas, provenientes também de Macapá e Belém, à sede governamental do TFA na cidade do Amapá foram logo encaminhadas ao presidente Getúlio D. Vargas. A elas, foram agregadas alegações do próprio governador Janary acerca de projetos mais promissores para a cidade de Macapá devido ao seu alto potencial histórico e estrutural. Dentre eles o fato de Macapá estar situada na foz do Rio Amazonas e com isso as possibilidades de fortalecimento econômico e mercantil e a construção de uma via de integração entre Macapá e a região do Oiapoque (fronteira com a Guiana Francesa), entre outros. Ressalta-se que essa via de acesso, conhecida como Br-156, foi iniciada em 1940 e hoje é conhecida como a obra incompleta mais antiga do país, num total de 595 Km entre as cidades de Macapá e Oiapoque e ainda contar com cerca de 110 Km sem pavimentação asfáltica no trecho Calçoene – Oiapoque, o que gera inúmeros contratempos para as pessoas que nela trafegam causadas pelo excesso de atoleiros, principalmente durante o inverno amazônico.

Após oito meses da instauração sede administrativa do governo territorial na cidade do Amapá, os conflitos acerca da escolha da sede do governo territorial chegaram ao fim por meio do Decreto-Lei nº 6.550, que dia 31 de maio de 1944 oficializou a transferência definitiva da capital do TFA para a cidade de Macapá.

### **Instalação da BAA: Desenvolvimento, progresso, abandono e presença artística**

Em 1943, iniciaram-se as operações da Base Aeronaval do Amapá (BAA), região estrategicamente escolhida devido a sua proximidade com a Guiana Francesa, possível porta de acesso dos nazistas após a rendição francesa, ocorrida em 22 de junho de 1940, e também por se apresentar, geograficamente importante, como um entreposto para outras bases aeronavais americanas de Belém-PA, São Luís-MA e Natal-RN.

A instalação da BAA fomentou diversas transformações na região, recebeu nos seus arredores, por volta de dois mil norte-americanos e centenas de famílias migrantes

nordestinas, trouxe energia elétrica, desenvolvimento urbanístico e outras melhorias sociais nas questões de saneamento, escolarização, saúde e lazer para população; melhorias essas que foram retiradas da região, pelos norte-americanos, logo após o fim do conflito armado em 1945. Entretanto, sentiu-se uma momentânea melhoria na vida urbana do lugar, o que fez da cidade do Amapá um ponto de chegadas e partidas de outros profissionais, que migravam para região, a fim de viver a qualidade trazida pelo “desenvolvimento”. De acordo com Nunes Filho (2014):

O fim da SGM na Europa representou para muitos, uma nova era de modernidade tecnológica e progresso econômico, por isso, resultou em comemoração. Porém para a pequena população do município de Amapá, atual estado do Amapá-Brasil, representou o oposto, ou seja, a notícia do fim da SGM foi recebida, inicialmente com festa, mas, em poucos dias, com a partida gradativa dos militares dos EUA que serviam na BAA para seus locais de origem, tornou-se um fato odiado, pois, com o fim da SGM desmontou-se toda a estrutura econômica (acordos comerciais, contratos de trabalho, venda de gêneros alimentícios e equipamentos, comércios e serviços, etc.) que foi montada na BAA, para atender o funcionamento da máquina de guerra. Desta feita, a maioria da população nativa e temporária residente no município do Amapá e municípios do entorno, viram parte ou quase toda a sua renda mensal ou semanal sumir como uma explosão de uma bomba (NUNES FILHO, 2014, p. 301).

Ainda durante o período áureo da cidade do Amapá, Nunes Filho (2014), chama atenção para um fato interessante que situa este pesquisador diante da pesquisa de doutoramento supracitada. Segundo o autor, juntamente ao progresso instaurado na região, foi construído um espaço de lazer para os soldados norte-americanos e moradores dos arredores, vejamos:

Os norte-americanos também construíram um cassino onde se apresentavam atores, cantores como Carmem Miranda, Grande Otelo, Dinamar e Dinamor, atrizes e o tão popular – nos Estados Unidos, é claro – jazz. Este cassino foi construído para aliviar a pressão daqueles tempos difíceis. Outras opções para o lazer dos norte-americanos eram os jogos de mesa e jogos como futebol e *basebol* além de programações com músicas e danças que faziam a alegria não só dos americanos como também da população jovem, em especial as mulheres (NUNES FILHO, 2014, p. 316).

Entretanto, Nunes Filho destaca que, por insuficiência de fontes, fora inviável reconstruir, ou aprofundar, qualquer extensão social e artística desse cassino no contexto do conflito. Em entrevista, gentilmente concedida até o momento dessa pesquisa, realizada em dezembro de 2018, o professor, pesquisador e historiador do teatro Romualdo Rodrigues Palhano, docente do Curso de Licenciatura em Teatro da UNIFAP,

relatou a existência de um espaço artístico na cidade do Amapá, importante para esse projeto de pesquisa, o Cineteatro Territorial. Segundo as fontes pesquisadas por Palhano, neste teatro, assim como no cassino citado por Nunes Filho (2014), apresentaram-se artistas famosos da época, como Carmem Miranda e Grande Otelo. Ainda segundo Palhano, as análises dessas fontes farão parte de um novo trabalho a ser publicado. Seriam o Cassino (Nunes Filho, 2014) e o Cineteatro Territorial (Palhano, 2018) o mesmo espaço físico? Ao buscar outras referências, surge o trabalho de Souza (2016), que traz informações sobre um Cineteatro Territorial inaugurado em 1946 na cidade de Macapá, vejamos:

Construído pelo governo territorial, o Cineteatro Territorial (1946) era uma espécie de espaço representativo, característico da modernidade que chegava ao Amapá. Com capacidade para 280 pessoas, o local proporcionou à comunidade assistir as primeiras sessões cinematográficas de longa-metragem com os principais filmes comerciais da época. Sobre esse fato, assim destacou o Jornal Amapá: “No Palco e na Tela: Foi exibido pela primeira vez, no cinema de Macapá, um filme de longa-metragem: ‘Um Barco e Nove Destinos’, de que é principal protagonista Tallulah Bankhead” (JORNAL AMAPÁ, 09 de março de 1946). Além de filmes, também eram ali apresentadas peças teatrais e shows com artistas locais como: Nonato Leal, Aymorezinho, Sebastião Mont’Alverne, dentre outros, e de artistas nacionais renomados da época como: Luiz Gonzaga, Ângela Maria, Dalva de Oliveira, Ademilde Fonseca, dentre outros (SOUZA, 2016, p. 222-223).

### **Base aeronaval de Belém: perspectivas preliminares**

Acerca da Base Aeronaval em Belém (BAB) e suas transformações sociais no período da Segunda Guerra Mundial, de acordo com Marinilce Oliveira Coelho (2003), a capital paraense passava por um isolamento geográfico e cultural em relação às metrópoles do sudeste e sul do país. Belém ligava-se às principais cidades portuárias brasileiras pela navegação costeira dos Itas. As viagens de avião eram raras, o sistema aéreo Condor anunciava nos jornais apenas um voo semanal de Belém para o Rio de Janeiro e para a Europa. A cidade contava com uma população de aproximadamente 200 mil habitantes e por essa época, assim como Natal-RN, a cidade serviu de base aérea para o governo norte-americano. Aviões cargueiros e hidroaviões tornaram-se comuns no céu amazônico. O paraense conviveu com as mudanças na paisagem urbana da cidade, das quais podemos destacar a construção do aeroporto internacional, casas para os militares americanos, pontes, saneamento básico, enfim, estabeleceram-se novos ares na cidade que se dividia com o serviço precário e ineficiente dos bondes, do ônibus e da luz elétrica.

Anúncios em inglês eram publicados na imprensa local, nos quais os habitantes de Belém ofereciam serviços de intérprete, de restaurante, de hospedaria, entre outros, aos soldados estrangeiros.

As influências trazidas pelos norte-americanos, que para o Brasil vieram e permaneceram com as instalações das bases aéreas, acabaram transformando o espaço de sociabilidade, os hábitos e os costumes. Isso pode ser percebido na assimilação da língua inglesa por parte da população, assim como peças de vestuário e as práticas alimentares, com destaque para o famoso refrigerante norte-americano, a Coca-Cola, trazidas com a forma de vida americana. Registra-se, nesse período, o aumento do consumo de utensílios domésticos, os quais passaram a integrar o cotidiano da cidade que ansiava por se tornar moderna. Dentro da perspectiva do moderno, essa incorporação dos utensílios domésticos norte-americanos, na rotina das famílias brasileiras, relaciona-se com a tentativa de diminuir o tempo gasto em certas atividades e sua proporcional disponibilidade para a realização de outras atividades necessárias.

### **Manifestações teatrais em Belém durante a SGM**

No que tange a presença artística e edificações teatrais em Belém-PA, neste mesmo período (1939-1945), ressalto a existência do *Palace Theatre*, entre outros de enorme relevância e que poderão ser utilizados ao longo da pesquisa, localizado dentro do extinto Grande Hotel, situado na Avenida Presidente Vargas, em frente ao Theatro da Paz, demolido nos anos 1970. De acordo com o Diário do Pará (30/01/2011), no final do ano de 1913 foi inaugurado no espaço do Grande Hotel o *Palace Theatre*, lugar importante de artes cênicas, que recebeu companhias e artistas do sul do país e do exterior, como Ítala Fausta, Eva Stacchino, Vicente Celestino e outros.

Aos domingos, o *Palace Theatre* promovia sessões cinematográficas. Nos filmes mudos, a música era executada no ‘poço’ por orquestra com músicos como Izaura e Isaias Oliveira da Paz, Jayme Nobre, José Travassos e tantos outros. Esse teatro recebeu, também, hóspedes ilustres, como Arturo Toscanini, Bidu Sayão, Guiomar Novaes, João

Goulart, Martha Rocha, General Eisenhower, Olívia Guedes Penteado, Mario de Andrade, entre outros.

Quando concluído, o Grande Hotel possuía 100 quartos, restaurante, bar – onde sempre havia músicos tocando piano, sax e violino; a Terrasse, um dos locais mais agradáveis e marcantes do estabelecimento, onde se tornou costume da época saborear o charlotine, sorvete tradicional do hotel, após a sessão de cinema do Olympia.

Em 1948 o Grande Hotel foi vendido para a rede *Inter Continental Hotels Corporation*, transformando Belém na primeira cidade do mundo a receber o hotel pioneiro dessa rede. Imediatamente, a nova direção do Grande Hotel imprimiu mudanças para adequá-lo aos padrões americanos de conforto, praticidade e eficiência. Nos anos 1970, o hotel foi novamente vendido e, mais tarde, demolido para a construção de um novo empreendimento, também hoteleiro – Hotel Hilton Belém.

Durante os sessenta anos de sua existência, o Grande Hotel sempre foi sinônimo de sofisticação e cultura para a burguesia local, especialmente pela proximidade com o Theatro da Paz e o Cinema Olympia. Dulcilia Acatauassu relata que: “Juntos formavam o eixo artístico-cultural mais importante de Belém. Hoje, essa perda significativa tem sido frequentemente lembrada e a sua história e memória têm representado um importante aliado na luta para a salvaguarda do patrimônio cultural paraense”<sup>2</sup>.

### **Teatro no Brasil durante a SGM**

No tocante ao teatro durante a SGM, destaca-se a influência da modernidade que também se instaura neste período. Foi durante a SGM, e por conta dela, que o Brasil deu o pontapé inicial para a reestruturação do seu Teatro enquanto moderno. Nos campos das artes visuais, música e literatura, o período moderno, ganhou destaque a partir de 1922 com a Semana de Arte Moderna. O teatro, segundo a tradição crítica produzida no sudeste brasileiro, apesar de tentativas ainda incipientes só conseguiu inaugurar essa nova etapa a partir da estreia de *Vestido de Noiva*, em 28 de dezembro de 1943, de Nelson Rodrigues, com a encenação de Ziembinski, polonês que buscou abrigo no Brasil, durante sua fuga da SGM, e a cenografia de Santa Rosa. O espetáculo realizado pelo grupo Os

---

<sup>2</sup> Universidade Federal do Pará. FAU - Laboratório Virtual - ITEC. Cinema Olympia e Grande Hotel, 1920. Disponível em: <<https://fauufpa.org/2011/09/23/cinema-olympia-1920/>>. Acesso em 22 de jul. de 2019.

Comediantes, precursores do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), representou o início de uma nova história para o teatro brasileiro.

Destaca-se a importância do olhar crítico, sobre as produções teatrais, nesse recorte temporal, período da SGM (1939-1945), apesar de pouco menos de dez anos, porém recheado de inúmeras transformações sociais e culturais para a consolidação e crescimento do Teatro no Norte e no Brasil. Haja vista a necessidade de registro de memórias e de reflexão sobre tais manifestações até então invisibilizadas pela crítica e historiografia, oficial, do Teatro Brasileiro, que ainda permanece centralizado em regiões como o sudeste e sul do país. Contudo, ressalta-se que a necessidade da escrita dessa história do teatro na Amazônia parte, também, de nós pesquisadores que habitamos, vivemos, e produzimos cultura nessa região.

Dessa forma busca-se, a partir dessas primeiras inquietações, a necessidade entender/investigar, também, as possíveis comunicações entre o governo do então TFA e o do estado do Pará, visto que a proximidade regional e cultural pode ter favorecido qualquer tipo de intercâmbio no projeto desenvolvimentista aplicado nessas duas regiões da Amazônia, pois o período chama para um diálogo entre as bases militares, entre os governadores e, conseqüentemente, entre as nações brasileira e americana.

Destaca-se que ao pensarmos no Amapá do início de 1943, precisamos entender que nos referimos a uma região semelhante a uma vila pacata do século XVIII, totalmente na contramão ao desenvolvimento social e econômico (em seus padrões capitalistas) vivido por outras regiões do Brasil, como a capital do estado do Pará, que já vivera seu auge social desde o primeiro ciclo da borracha. O desenho urbano, social e histórico do Amapá muda com sua elevação a condição de território, momento esse que possui uma extensa bibliografia, entretanto, nenhuma aborda especificamente a questão do teatro nessa região nesse período de transformações. Por isso, a necessidade de se pesquisar os significados culturais, a partir do teatro, da presença norte-americana na Amazônia amapaense e paraense.

### **Trajetória metodológica**

Tendo como objetivo analisar os sentidos socioculturais da presença norte-americana na produção teatral na Amazônia amapaense e paraense do período da SGM,

esta trajetória pretende dialogar com metodologias pertencentes ao campo da ciência histórica, que contempla os eixos da história social e da micro-história, com ênfase na oralidade, campo rico dentro da região amazônica.

A história social, na visão do propulsor da Escola dos *Anales* e historiador francês Marc Bloch (2001), é o estudo do homem no tempo e na sociedade, que busca uma reflexão que transcende a observância de datas e acontecimentos históricos, privilegiando o entendimento das relações estabelecidas entre o homem e a sociedade em determinado recorte histórico. Desse modo, com base nesse conceito, buscar-se-á identificar as relações que estabeleceram no período da SGM em que o território do Amapá e o estado do Pará receberam espetáculos/artistas/companhia teatrais nacionais e internacionais.

Já a micro-história, na visão do historiador inglês Carlo Ginzburg (1987), consiste na análise social concentrada em uma localidade com objetivos de compreensão de uma totalidade. Dessa forma, sob essa perspectiva, trabalhar-se-á com uma análise micro das relações estabelecidas entre as comunidades amapaenses e paraenses e os artistas brasileiros e estrangeiros que para cá se dirigiram nesse período de crise mundial, com objetivo de compreender, de forma macro, os efeitos da segunda guerra mundial nessa sociedade.

Já a contribuição da oralidade nessa pesquisa tangencia, de forma micro, a coleta de relatos de memória e acervos documentais dos moradores do atual município do Amapá-AP e Belém-PA, locais onde foram construídas bases aéreas norte-americanas. Através de entrevistas, e com base nos conceitos sobre história oral, buscaremos entender as percepções que os moradores da região, tanto os que viveram aquela época, caso ainda encontrem-se vivos e lúcidos, quanto seus descendentes, tiveram com a chegada dos espetáculos/artistas/companhias e com todas as mudanças sociais ocasionadas pelo estabelecimento dos militares, com seus hábitos e culturas, em uma região amazônica descentralizada de grandes polos, como Belém.

Para discutir o teatro no Amapá no período da segunda guerra mundial (1939-1945) faz-se necessário entender a memória daquela região e como, de maneira direta ou não, ela foi atingida com a chegada dos soldados norte-americanos na base aeronaval criado na região. Acerca da memória coletiva e a influência dessa na identidade social da comunidade amapaense, proponho trabalhar com os conceitos apresentados pelo

sociólogo austríaco Michael Pollak (1992), referência das ciências humanas no tocante a memória e sociedade. O autor trabalha a memória como produto histórico de cada indivíduo, contudo, ou sobretudo como ele destaca, esse indivíduo não é único responsável por sua memória, ela perpassa pela coletividade até ser concebida como final. Vejamos:

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992, p. 15).

Sendo assim, e a partir da fala do autor, não podemos entender a memória como algo “puro”, que nasce do indivíduo de maneira ingênua, como somos naturalmente levados a pensar. A memória é um processo de construção social desnaturalizado e, como todo processo de construção, é influenciada por questões e acontecimentos internos e externos, onde o produto final da memória é algo que atenda aos interesses de alguma espécie de elite.

A importância da memória encontra-se intimamente ligada às sociedades primitivas que não praticavam a escrita e nem a pintura ordenada. Esse conceito se ampliou, ainda mais se levarmos em consideração que a identidade social não é homogênea e por vezes a memória é a forma mais objetiva que temos para entendermos determinado contexto e recortes. Nas sociedades sem escrita a memória desdobra-se de três maneiras particulares e podemos aplicá-las às comunidades tradicionais da Amazônia também, vejamos:

- A primeira é ligada aos mitos de criação, uma vez que sempre existiu uma necessidade universal de interpretar e principalmente de propagar uma identidade ligada às origens de determinado povo em busca de construir uma memória coletiva;

- A segunda é uma memória genealogista, ligada a uma transmissão da história de determinada família apresentando sua linhagem, suas heranças materiais e culturais e seus fenótipos em busca de construir uma memória comum aos indivíduos do mesmo clã;

- A terceira é a memória mística, e está ligada ao sacro que sempre esteve presente em diferentes períodos e de diferentes formas a sociedade, em especial em sociedades sem escrita ou tradicionais onde a transmissão dessa memória se dá de forma oral e como

instrumento de resistência cultural, nascendo assim uma memória mutável a cada geração, mas que mantém tradições.

Trazendo esse conceito para dentro pesquisa de doutoramento, podemos entender que antes da chegada dos norte-americanos ao Amapá existia uma memória construída naquela região e que depois da partida dos mesmos, com o término da guerra, a memória da região transformou-se. Vejamos, se a memória é um produto logo ela se encontra em constantes reformulações e, em uma região longínqua como o Amapá, a chegada de dirigíveis, hidroaviões e outros tipos de equipamentos modernos trazidos pelos aliados interferiu, de alguma maneira, na memória local. O que buscaremos investigar é qual a profundidade dessa interferência e qual seu impacto.

Eletricidade, aviões, soldados se comunicando por meio de outro idioma que não o português e diversas outras invasões culturais em uma localidade pacata não poderiam passar despercebidos pelos moradores da redondeza. LUNA (2017), destaca que nesse período que envolveu a SGM o Amapá não foi uma região que só recebera soldados e chefes das forças armadas Americana, a autora ressalta que muitos moradores dos interiores do Pará, Amazonas e Guianas se direcionavam para a região uma vez que se sabia da necessidade de mão de obra barata e que conhecesse as intempéries da Amazônia.

Além dessa memória construída entre as relações que os sujeitos estabelecem através das migrações ou do trabalho, outro condicionante na construção da memória são os locais de acontecimentos marcantes. Pollak (1992), destaca que existe lugar de memória e que, diferente da memória coletiva, eles não são sujeitos a flutuação, porém o valor ou memória que a eles são atrelados pode ser ressignificado. Vejamos:

Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela. Para a minha geração na Europa, este é o caso da Segunda Guerra Mundial (POLLAK, 1992, p. 45).

Como o autor destaca, o lugar de memória pode causar em uma comunidade uma lembrança mediata ou por tabela, independente de quem viveu o momento a memória será coletiva até que aquele monumento/praça/edifício seja ressignificado por uma nova geração. Isso pode ser observado nas ruínas da antiga base aérea no Amapá, uma vez que

as crianças da região não presenciaram os acontecimentos da guerra, porém ao conviver com as ruínas elas absorvem essa memória de seus familiares e irão reproduzi-la quando chegar a hora.

Dessa forma, destaco a existência de identidade social por meio da memória daquela localidade, seja ela de pessoas que vivenciaram os fatos ou de pessoas que absorveram esses fatos através da oralidade. Entender esse baluarte cultural do Amapá contribui para minhas futuras análises de documentações que versem sobre as manifestações artísticas e teatrais que passaram pela região e quais os impactos sofridos e possíveis interferências.

Com base nisso, a metodologia de pesquisa será qualitativa, com leitura sistemática das bibliografias sobre a SGM no Brasil, espaços/espetáculos/artistas e companhias teatrais no período da SGM registrados no Amapá-AP e Belém-PA. Caracteriza-se, ainda, como pesquisa documental, por priorizar o levantamento e análises das fontes que possibilitem a interpretação. Essas fontes são variadas: relatório da época do governo do Território Federal do Amapá (TFA), fotografias antigas das bases aéreas norte-americanas, fontes orais (entrevistas com os atores sociais deste fato histórico).

### **Considerações finais**

Na historiografia teatral é possível encontrar diversos trabalhos que versam sobre as manifestações teatrais, tanto no período da SGM como em outros, no entanto, mais centralizados em torno do eixo Rio – São Paulo. Existe ainda inúmeras lacunas de silenciamento de memórias e personagens de outras regiões do país, que ainda relega a eles espaços menores e subalternos. Esta perspectiva, de imensa gama para análise e discussão, aponta para novas possibilidades e novos estudos que visibilizem as manifestações teatrais fora do eixo oficial, como parte tão importante quanto a que conhecemos.

As transformações sociais e culturais provenientes da aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos, durante e após a Segunda Guerra Mundial, continuam sendo materiais de discussão entre diversos historiadores, sociólogos, antropólogos, artistas, entre outros pesquisadores. Pensar sobre a realidade social e cultural deste período, suas memórias e refletir sobre tais transformações faz parte da pesquisa em andamento que

pretende investigar: quais espetáculos e artistas que, em trânsito, passaram pelo Amapá e por Belém; as contribuições para o Teatro no Norte e no Brasil enquanto expressão artística; e os significados socioculturais para a arte, o teatro e a sociedade amazônica, a partir desse acontecimento histórico.

### **Referências bibliográficas**

BLOCH, Marc. **Uma apologia da história – ou sobre o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

COELHO, Marinilce Oliveira. **Memórias literárias de Belém do Pará: o Grupo dos Novos, 1946- 1952**. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LUNA, Verônica Xavier. **Um cais que abriga histórias de vida: sociabilidades conflituosas na gentrificação da cidade de Macapá (1943-1970)**. Macapá: UNIFAP, 2017.

NUNES FILHO, Edinaldo Pinheiro. **A base aeronaval norte-americana do Amapá-Brasil pós-Segunda Guerra Mundial**. Revista Portuguesa de História, 2014, p. 299-323. Disponível em: <[https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/35377/1/RPH45\\_artigo15.pdf](https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/35377/1/RPH45_artigo15.pdf)>. Acesso em 24 de nov. 2018.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

REIS, Artur César Ferreira. **Território do Amapá: perfil histórico**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1949.

SANTOS, Fernando Rodrigues. **História do Amapá: da autonomia territorial ao fim do janarismo**. Macapá: Editora Gráfica O Dia, 1998.

SOUZA, Manoel Azevedo de. **Imagens, memórias e discursos: a construção das identidades amapaenses no Jornal Amapá – 1945 a 1968**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Humanidades. Universidade Federal do Ceará. 2016.